

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (CA) LEONARDO AMORIM ROVERE DA SILVA

A GEOPOLÍTICA RUSSA NO GOVERNO DE VLADIMIR PUTIN

As influências de Ratzel e Mackinder na política externa russa

Rio de Janeiro

2020

CC (CA) LEONARDO AMORIM ROVERE DA SILVA

A GEOPOLÍTICA RUSSA NO GOVERNO DE VLADIMIR PUTIN

As influências de Ratzel e Mackinder na política externa russa

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG (Ref) José Augusto A. de M.

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2020

RESUMO

A retomada do crescimento da Rússia, no início dos anos 2000, em busca da reconquista do protagonismo do período soviético no cenário internacional, ocasionou uma redistribuição de poder na região eurásica. A chegada de Vladimir Putin ao poder e o surgimento do pensamento neo-eurasianista de Aleksander Dugin, guiando os rumos da política externa, reconduziram o Estado de volta ao campo geopolítico como ator de primeira grandeza. Nesse contexto, será estudado o conflito armado ocorrido na região do Cáucaso, no ano de 2008, entre os estados da Rússia e da Geórgia. Como referência teórica, foram apresentadas as teorias geopolíticas de Ratzel e Mackinder, além das ideias que norteiam o neo-eurasianismo. Posteriormente, foram pesquisadas e descritas as histórias dos países beligerantes, ressaltando os principais acontecimentos que construíram suas identidades geopolíticas e o contexto do conflito. Seguindo-se após isso, uma análise da correlação entre as teorias citadas com a política externa praticada pelo Kremlin durante a guerra de modo a identificarmos a influência dessas nas ações russas. Decorrente da pesquisa e análise dos elementos apresentados, conclui-se que as ações da política externa russa do governo Putin durante o conflito armado possuem fortes traços de influência das teorias geopolíticas clássicas abordadas, salvo as limitações das regras atuais do sistema internacional.

Palavras-chave: conflito armado, Rússia, Georgia, Ratzel, Mackinder, neo-eurasianismo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 AS TEORIAS GEOPOLÍTICAS	7
2.1 O determinismo geográfico de Friedrich Ratzel	7
2.2 2.2 A teoria do Heartland de Halford John Mackinder	9
2.3 As características e princípios do Neo-Eurasianismo	10
3 O ESTADO DA GEÓRGIA	14
3.1 Fatores históricos e étnicos	14
3.2 Aspectos geopolíticos	16
3.2.1 Do fim da URSS ao Acordo de Sochi	16
3.2.2 As mudanças da Revolução Rosa	18
4 A POLÍTICA EXTERNA RUSSA	20
4.1 O pensamento russo pós Guerra Fria – do Atlantismo ao Neo-Eurasianismo	20
4.2 As motivações do ingresso no conflito	29
5 O CONFLITO	32
5.1 A Guerra dos cinco dias	32
5.2 As consequências geopolíticas da guerra	33
6 CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS	41
ANEXOS	42

1 INTRODUÇÃO

A ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas¹ (URSS) foi um Estado composto por 15 nações, criado em 1922, que ocupava metade da Europa oriental e grande parte do norte da Ásia. O seu nascimento ocorreu como consequência do fim do Império Russo e da Revolução de Outubro de 1917², e visava a união dos povos em torno da reconstrução das regiões após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

Formado por estados independentes e unidos de maneira voluntária, conservava aos seus componentes o direito à autodeterminação como povos, e possuía uma grande variedade de etnias. O governo central era exercido por Moscou, em face do maior poderio militar e influência ideológica da Rússia em relação às demais nações, de forma a manter a unidade do bloco.

A partir de 1928, o bloco assume um perfil único socialista, e após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) viria a protagonizar com os Estados Unidos da América o período da Guerra Fria³ (1947-1991), que culminou com sua dissolução no ano de 1991.

O colapso da URSS ocorreu por diversos motivos, dentre os principais podemos citar a insatisfação das demais nações com a concentração de poder nas mãos de Moscou, aliada à diferença de qualidade de vida entre os cidadãos da URSS e os do bloco capitalista.

Os efeitos do fim do bloco socialista foram diferentes para seus ex-componentes. Para a Rússia, que assumiu as obrigações internacionais da URSS, ficaram as dívidas externas dos

¹ País que representou o bloco comunista no mundo a partir de 1922 e combateu a polaridade capitalista até 1991. (disponível em <https://www.infoescola.com/historia/uniao-sovietica/>, acessado em 6 de maio de 2020).

² Série de eventos políticos na Rússia, que, após a eliminação da autocracia russa e depois do Governo Provisório (Duma), resultou no estabelecimento do poder soviético sob o controle do partido bolchevique. (disponível em <https://www.sohistoria.com.br/ef2/revolucaorussa/>, acessado em 6 de maio de 2020).

³ A Guerra Fria foi uma disputa pela superioridade mundial entre Estados Unidos e União Soviética após a Segunda Guerra Mundial. É chamada de Guerra Fria por ser uma intensa guerra econômica, diplomática e ideológica travada pela conquista de zonas de influência. (disponível em <http://www.sohistoria.com.br/resumos/guerrafria.php>., acessado em 6 de maio de 2020).

países, além da redução do seu território e população. Outro peso importante recaído sobre os russos foi o fardo político da derrota do socialismo perante o capitalismo, ratificando a existência de uma única superpotência mundial, os Estados Unidos da América (EUA). Para a Geórgia, a independência política possibilitou o fortalecimento do nacionalismo e a busca de alternativas à influência governamental histórica exercida pelos russos, fato que levaria a conflitos futuros.

No campo geopolítico, durante a década de 90, a Rússia pós-soviética foi caracterizada por um movimento de retração de influência no seu exterior próximo⁴, iniciado pelo governo de Mikhail Gorbachev ainda durante a existência da URSS, e seguido parcialmente por Boris Yeltsin. A retirada das tropas russas das antigas repúblicas soviéticas possibilitou o avanço da influência ocidental, com a adesão de alguns dos antigos estados soviéticos (países bálticos) à Organização do Tratado do Atlântico Norte⁵ (OTAN), afetando o equilíbrio de forças em uma área historicamente de influência russa. A retomada de um pensamento russo mais tradicional viria com a nomeação de Vladimir Putin, como Primeiro-Ministro em agosto de 1999, inaugurando uma nova postura na política externa do país.

Nesse contexto, chegamos à década do conflito entre Rússia e Geórgia. Enquanto Vladimir Putin buscava restaurar a tradição histórica russa de desenvolver sua política externa de forma independente, e de certa forma recuperar o poder que exercia sobre os países da antiga URSS, dentro dessas nações começaram a surgir movimentos opostos a essa integração, as chamadas Revoluções Coloridas⁶. No caso da Geórgia, deu-se a Revolução Rosa, que trouxe

⁴ Termo geopolítico russo que refere-se às repúblicas recém-independentes, que surgiram após a dissolução da União Soviética. (disponível em <https://www.infoescola.com/geografia/cei/>, acessado em 17 de julho de 2020).

⁵ Aliança militar internacional fundada em 1949, fundada durante a Guerra Fria, com o objetivo de estabelecer um pacto militar entre os países do Tratado do Atlântico Norte contra o avanço da influência socialista. Hoje em dia, com o fim da ameaça comunista, a OTAN se converteu em um organismo expansionista, com vistas a garantir os interesses econômicos das nações membros ao redor do mundo. (disponível em <https://www.infoescola.com/geografia/otan/>, acessado em 06 de maio de 2020).

⁶ Operações de mudança de regimes levadas a termo por um conjunto de métodos não violentos de ação política. Suas metas são neoliberalismo, democracia liberal e alinhamento aos EUA na arena internacional. (disponível em <https://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/view/1519>, acessado em 06 de maio de 2020).

ao poder em 2003 o político Mikhail Saakashvili, governante de características liberais e pensamento alinhado ao ocidente. Como presidente ele iniciou um movimento de aproximação aos EUA e a OTAN, trazendo à Rússia uma situação inédita e preocupante para a consecução dos seus objetivos geopolíticos na região do Cáucaso (Fig.1), visto que se tornou iminente a possibilidade de passar a fazer fronteira direta com um país componente da maior e mais poderosa organização militar do planeta.

Nesse diapasão, o presente trabalho foi desenvolvido por meio de uma análise das causas e motivações políticas do conflito armado ocorrido, no ano de 2008, entre os estados da Rússia e da Geórgia, investigando uma possível correlação do conceito de Espaço Vital⁷ e da teoria do Heartland⁸ com os princípios da política externa russa exercida pelo governo de Vladimir Putin.

No capítulo 2 são descritos e analisados os pressupostos teóricos citados. No capítulo 3 o foco é a Geórgia, e analisamos seus principais eventos históricos que contribuíram para a construção da sua identidade política, além de estudar sua importância estratégica para a Rússia. No capítulo 4 examinamos a evolução da política externa russa do período pós URSS até o momento do conflito e suas alegações para o uso da força, considerando a relação histórica de Moscou com o território em disputa. No capítulo 5 serão expostas as ações efetivas das forças militares e as respectivas consequências geopolíticas. Por fim, será apresentada a conclusão do trabalho, em que tentaremos determinar se as ações beligerantes russas possuem semelhança com as teorias geopolíticas descritas no capítulo 2, fazendo uma comparação da realidade dos fatos ocorridos no conflito com as teorias analisadas.

⁷ Concepção elaborada pelo geógrafo alemão Friedrich Ratzel, definida como as condições espaciais e naturais para a manutenção ou consolidação do poder do Estado sobre o seu território. (disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/friedrich-ratzel.htm>, acessado em 6 de maio de 2020).

⁸ Concepção elaborada pelo geógrafo inglês Sir Halford John Mackinder, e representa, segundo o próprio autor, o poder terrestre em seu antagonismo histórico e geográfico com o poder marítimo. (disponível em <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/geopolitica-teorias-do-heartland.htm>, acessado em 6 de maio de 2020).

2 AS TEORIAS GEOPOLÍTICAS

2.1 O determinismo geográfico de Friedrich Ratzel

Ao iniciar o estudo do pensamento da escola determinista, cabe registrar rapidamente as principais características de quem foi seu mentor. Friedrich Ratzel (1844-1904) nasceu em 30 de agosto de 1844 na cidade de Karlsruhe na Alemanha. Esse geógrafo e etnólogo alemão foi um dos grandes pensadores da Geopolítica moderna, sendo considerado, junto a Rudolf Kjellen⁹ e Vidal de La Blache¹⁰, um de seus fundadores. O final do século XIX e as primeiras décadas do século XX foi um período de grande evolução para as Ciências Sociais, de uma maneira geral, e para a Geografia em especial. Inspirado pelos acontecimentos dessa época ele escreveu suas principais obras, entre as quais destacamos os livros “Antropogeografia” e “Geografia Política”. Essas publicações possuem ênfase no elemento humano, e focam em sua essência, no estudo da influência do meio ambiente sobre a humanidade e na formatação do caráter do homem. (MEIRA MATTOS, 2002).

Para entender suas obras é necessário conhecer o contexto intelectual e político da Alemanha na época em que Ratzel as produziu, não podendo deixar de citar que a sua visão foi forjada, em parte, por essas circunstâncias. O país acabara de se unificar e encontrava-se em franco desenvolvimento, suas elites ansiavam pela inclusão do Estado no processo de partilha do mundo (neocolonialismo)¹¹, visto que foram inicialmente excluídos devido à unificação tardia. Com esses elementos políticos, associados ao considerável grau de industrialização e

⁹ Cientista político sueco que criou o termo "Geopolítica" no início do século XX, inspirado pela obra de Friedrich Ratzel. (disponível em <https://www.mundovestibular.com.br/estudos/geografia/introducao-a-geopolitica>, acessado em 02 de julho de 2020).

¹⁰ Geógrafo francês reconhecido como fundador da corrente de pensamento que veio a ser denominada por *Possibilismo*, em oposição ao *Determinismo Geográfico* alemão. (disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/vidal-la-blache.htm>, acessado em 02 de julho de 2020).

¹¹ Processo de dominação política e econômica instituído pelas potências capitalistas emergentes da época sobre a África, Ásia e Oceania ao longo do século XIX e início do século XX. (disponível em <https://www.todamateria.com.br/neocolonialismo/>, acessado em 22 de maio de 2020).

desenvolvimento científico, a Alemanha era promissora e ambiciosa.

Nesse contexto, a sua teoria foi desenvolvida com base nos estudos das relações de causa e efeito das condições de vida impostas ao homem pelo meio ambiente, definindo a sociedade como um produto do ambiente que habita. Afirmava que os estados com melhor capacidade de adaptação ao meio se expandiriam, passando a dominar povos inferiores.

Entre os seus principais conceitos encontramos a definição de espaço vital (lebensraum), no qual considerava que este seria o território mínimo necessário para a manutenção do desenvolvimento de um estado, provendo todos os recursos necessários para o processo. Estando os Estados mais adaptados ao espaço geográfico que ocupam em constante desenvolvimento, atribuía a estes o direito natural à busca pelo aumento da extensão dos seus territórios, com a apropriação de espaços desocupados ou mal aproveitados, a fim de desenvolver todo o seu potencial.

Com base no conceito de espaço vital, Ratzel elaborou as sete leis da expansão territorial do estado, assim transcritas por Pedro de Pezarat Correia¹²:

1ª A extensão dos Estados aumenta com o avanço da sua cultura.

2ª O crescimento espacial dos Estados acompanha outras manifestações do seu desenvolvimento: a ideologia, a produção, a atividade comercial, o poder da sua imagem, do seu esforço de proselitismo.

3ª Os Estados estendem-se assimilando ou absorvendo as unidades políticas de menor importância.

4ª A fronteira é um órgão situado na periferia do Estado (considerado como um organismo); pela sua localização materializa o crescimento, a força e as mudanças territoriais do Estado.

5ª Procedendo à sua extensão espacial, o Estado esforça-se por absorver as regiões importantes para o seu desígnio: o litoral, as bacias fluviais, as planícies e, principalmente, os territórios mais ricos.

6ª É do exterior que vem o primeiro impulso levando o Estado à extensão do seu território, atraído por uma civilização inferior à sua.

7ª A tendência geral para a assimilação ou absorção – das nações mais fracas – convida a multiplicar as apropriações de territórios num movimento de certa maneira autoalimentado (CORREIA, 2010, [2402]).

¹² Oficial General reformado desde 1986, instalou e lecionou a cadeira de Geopolítica e Geoestratégia na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Autor e coautor de muitas dezenas de livros e trabalhos sobre geopolítica e geoestratégia, estratégia e conflitos, 25 de Abril, Guerra Colonial e descolonização.

Percebe-se claramente a visão territorialista da teoria, na qual o Estado como ator principal das ações, desenvolve sua política por meio da obtenção de territórios e exercício de poder através dele.

2.2 2.2 A teoria do Heartland de Halford John Mackinder

O britânico Halford Mackinder (1861-1947) é o principal nome geopolítico ligado ao desenvolvimento da teoria do poder terrestre. Essa questão contrasta com o fato do seu país ser a grande potência marítima mundial à época da publicação dos seus primeiros trabalhos de relevância internacional. Privilegiado, presenciou os importantes processos históricos ocorridos durante o final do século XIX até os meados do século XX proporcionando-lhe muito material e fundamentos para a formulação dos seus postulados.

A sua teoria foi desenvolvida na busca da causalidade geográfica para os principais acontecimentos políticos, reflexo do período em que viveu o pensador, no auge dos estados nacionais militarizados, comportando basicamente três fases de ajustes¹³ e sendo concluída próximo ao término da 2ª Guerra Mundial. Os seus estudos foram fundamentados na importância estratégica da Pivot Area – região pivô (renomeada durante os ajustes de sua teoria como Heartland) (Fig. 2), considerando seu domínio como essencial para o pleno exercício de poder das potências globais, descreveu a área como a grande extensão territorial euroasiática praticamente coincidente com os limites do território pertencente à Rússia.

A importância dada a região se deve ao seu grande potencial de recursos naturais, alta concentração populacional, características favoráveis (grande planície) para os deslocamentos de forças no seu interior e sua posição geoestratégica privilegiada, protegida por obstáculos

¹³ As três fases da teoria de Mackinder são distinguidas pelas evoluções dos seus pensamentos de acordo com os acontecimentos históricos. 1ª fase: Teoria Inicial (1904), ele reproduz seu olhar sobre o mundo e anuncia suas grandes preocupações. 2ª fase: Teoria básica (1919), ajustes realizados após as mudanças geopolíticas provindas do resultado da 1ª Guerra Mundial. 3ª fase: Teoria corrigida (1943), finalizada durante a 2ª Guerra Mundial incorporando as mudanças geopolíticas ocasionadas pela evolução do conflito. (CORREIA, 2010).

naturais que a torna fechada ao acesso marítimo exterior (MACKINDER, 1904).

Defendia a ideia de que esse poder terrestre poderia alcançar plenas condições de exercer um domínio mundial se a sua extensão territorial alcançasse acesso aos mares, o que possibilitaria o desenvolvimento do poder marítimo. Nessa questão, percebe-se a sua preocupação com a preservação da hegemonia marítima inglesa, alertando para a possibilidade do surgimento de uma força que poderia alterar essa condição. Assim, Mackinder resumiu sua visão no conhecido postulado: “Quem domina a Europa Oriental controla o Heartland; quem domina o Heartland controla a World Island, quem domina a World Island controla o mundo”.

2.3 As características e princípios do Neo-Eurasianismo

Ao analisarmos o Neo-Eurasianismo, versão atual do Eurasianismo, devemos primeiramente compreender a origem e evolução desse pensamento desde seus primórdios. Possuindo como base principal a união dos povos da região do supercontinente da Eurásia, teve seu nascimento no século XIX e defendia o desenvolvimento da região através do culto aos valores e tradições da Igreja Ortodoxa e do Império Russo, de forma a ter uma identidade própria, não europeia ou asiática.

Ao longo do tempo o pensamento sofreu evoluções, sendo que na atualidade seu nome mais influente é o do russo Alexander Dugin. O idealizador do Neo-Eurasianismo, nasceu em 1962, na cidade de Moscou e hoje é o diretor do Centro de Pesquisas sobre o Conservadorismo da Faculdade de Sociologia da Universidade Estatal da cidade, sendo autor de publicações e artigos sobre a sociedade pós-moderna e a situação política da Rússia. No momento possui grande influência no pensamento geopolítico russo pós-soviético, fato observado, por exemplo, pela adoção de uma de suas obras, o livro “*Fundações da Geopolítica, O futuro geopolítico da Rússia*”, como item de leitura obrigatória da Academia Militar do Estado-Maior Geral da Rússia.

A teoria de Dugin incorpora muitas das características do Eurasianismo clássico, mas é distinto do seu antecessor em vários aspectos, considerando todos os pontos do seu pensamento observamos que o neo-eurasianismo pode ser considerado mais do que uma teoria geopolítica, pois aborda temas complexos como o a cultura dos povos, aproximando-se de uma filosofia como veremos adiante.

O neo-eurasianismo busca, primeiramente, ser uma opção diante do processo de globalização vigente. Nas ideias de Dugin, o mundo atual unipolar com a liderança dos EUA e a cooperação das demais potências participantes da OTAN impõe às demais nações seu modelo econômico e filosófico, com valores liberais, individualistas e democráticos, coagindo-as por meio da força, seja econômica ou militar. Dessa forma, o neo-eurasianismo busca contrapor-se a esse movimento com o culto aos valores tradicionais, de modo a buscar a preservação dos diferentes tipos de sociedade e formas de vida econômica, sendo veementemente contra a uniformização da sociedade mundial. Cabendo ressaltar que o neo-eurasianismo classifica os valores ocidentais como decadentes e responsabiliza a sua difusão na população russa, durante a década de 90, como fator responsável pelo enfraquecimento da entidade estatal Rússia como personalidade internacional (DUGIN, 2012).

Em uma visão global o neo-eurasianismo considera a substituição do modelo unipolar por um multipolar, onde a figura do estado-nação é substituída pelas grandes formações regionais integradas, lideradas pelos Estados mais fortes. No contexto regional essas formações integradas seriam os polos de poder, como por exemplo a União Europeia está se tornando; no caso da Rússia isto significaria, de início, a reunificação do espaço pós-soviético em um só bloco estratégico, e a nível doméstico significa a reafirmação da Rússia como líder do continente eurásico, tratando a soberania de todos os estados componentes como um só assunto e fortalecendo as identidades culturais e sociais das respectivas etnias (DUGIN, 2012).

Em uma análise puramente geopolítica o neo-eurasianismo reafirma a posição da

Rússia como uma representante essencialmente do poder terrestre, assim citado por Alexander Dugin:

“A partir do século XV os russos emergem no panorama da História mundial como uma “civilização da Terra” e todas as linhas de força geopolíticas fundamentais da sua política externa passam desde esta altura a ser sujeitas a um único objectivo: a integração da Heartland, o fortalecimento da sua influência na zona do Nordeste da Eurásia, a afirmação da sua identidade perante o seu adversário mais agressivo, a Europa Ocidental (a partir do século XVIII a Grã-Bretanha e, em maior extensão, o mundo anglo-saxão), que aceitara a iniciativa da “civilização do Mar” e da talassocracia.” (DUGIN, 2016, [258]).

Consequentemente, as teorias de Mackinder possuem grande influência nos postulados de Dugin, ao relembrar a definição do Heartland podemos observar sua descrição como o coração da Eurásia. Aliás, segundo o próprio, a evolução tecnológica e organizacional do continente europeu, a partir do século XV e XVI, seria o “resultado do desafio secular contra as invasões asiáticas” (MACKINDER, 1904). Podemos correlacionar tais ideias ao pensamento neo-eurasiano observando a substituição do confronto secular entre os continentes europeu e asiático pelo embate entre os países “liberais” e países “tradicionais”, representados respectivamente pelos detentores do poder marítimo e do poder terrestre. Em relação as questões territoriais o neo-eurasianismo preza pela unificação de todos os territórios que compõe o Heartland, cultivando a ambição de anexação de todos os espaços pertencentes às nações contrárias ao expansionismo ocidental. Entretanto, não podemos resumir as influências ao pensamento de Mackinder, podemos considerar como um todo que Dugin tenha realizado uma junção de ideias em sua teoria; de Haushofer¹⁴ e suas pan-regiões saíram a inspiração para as formações regionais integradas (polos de poder) e de Brzezinski¹⁵

¹⁴ General alemão que defendia a divisão do mundo em áreas geograficamente compensadas e autárquicas conforme critérios económicos e políticos, a sua extensão permitiria a esses grandes espaços uma enorme gama de produtos naturais, indústrias e de recursos humanos que os poria em situação de completa autonomia face aos restantes. (disponível em <https://www.revistamilitar.pt/artigo/439>, acessado em 02 de julho de 2020).

¹⁵ Ex-Assessor de Segurança Nacional dos Estados Unidos (EUA) na administração democrata de Jimmy Carter (1977/1981) (disponível em <https://revista.egn.mar.mil.br/index.php/revistadaegn/article/view/593/pdf>, acessado em 02 de julho de 2020).

a ideia de que a Rússia é o coração da Eurásia e representa o centro das forças terrestres.

De maneira geral, o Neo-Eurasianismo é uma teoria que vai além do campo da geopolítica, é uma espécie de filosofia que apresenta grande peso para fatos históricos e geográficos, de maneira a aliar interesses estratégicos com o apelo às características culturais e sociais dos povos, tendo como objetivo englobar todas as sociedades contrárias à expansão Ocidental e ainda não pertencentes ao seu domínio, criando uma nova civilização de modelo único. Considerando o seu país de origem, é possível delimitar como uma ideologia que procura fornecer, entre outras coisas, condições objetivas para a confirmação da Rússia como uma potência digna de nota no cenário internacional.

3 O ESTADO DA GEÓRGIA

3.1 Fatores históricos e étnicos

A Geórgia é um país caracterizado pela diversidade étnica de sua população e o seu território é distinguido pela existência de três regiões autônomas (Fig.3): a Abecásia na parte nordeste que faz fronteira com a Rússia; a Adjaria na parte sudoeste que faz fronteira com a Turquia e a Ossétia do Sul localizada ao norte, fazendo fronteira com a República Autônoma Russa da Ossétia do Norte. Os georgianos representam cerca de 70% da população total do país de aproximadamente 5,5 milhões de pessoas, e de modo geral são devotos da Igreja Ortodoxa da Geórgia. No caso da Ossétia do Sul, seus habitantes chamados de ossetas correspondem a aproximadamente 82.000 habitantes e são em sua maioria russos ortodoxos (DUGIN, 2016).

O povo osseta tem sua origem ligada a tribos nômades antigas chamadas de alanos, que por volta do século IX formariam o Reino da Alania, em uma região do Cáucaso compreendida no que hoje pertence ao território russo. A dispersão da população para além da cadeia de montanhas levando ao assentamento de ossetas em regiões mais ao sul, que hoje encontram-se no território correspondente à atual Geórgia, é datada do século XIII e foi ocasionada pelas ondas de invasões mongóis. Essa migração determinou o movimento que deu origem às separações territoriais e populacionais entre ossetas do norte e do sul, porém no início do século XIX o império russo incorporou a Geórgia, proporcionando a unificação do território e da população osseta, que permaneceriam vivendo como um só povo por mais de um século (DUGIN, 2016).

A paz no território osseta permaneceria até a guerra civil ocorrida na sequência da revolução russa, em 1917. Na ocasião as forças nacionalistas georgianas em conflito com os Bolcheviques¹⁶, aproveitando-se da fragilidade de Moscou decorrente do fim do império russo,

¹⁶ Grupo político russo responsável pelo golpe que destituiu o governo provisório russo vigente à época, se retirando da Primeira Guerra Mundial ainda em curso, dando origem a um novo país, a União das Repúblicas

proclamaram a República Democrática da Geórgia incorporando a Ossétia do Sul. Os ossetas não concordando com a separação do seu território e tentando evitar uma nova fragmentação entre norte e sul, constituíram a República Soviética da Ossétia declarando apoio aos Bolcheviques, esse fato gerou uma feroz reação por parte dos georgianos que realizaram ataques violentos na Ossétia do Sul com o intuito de realizar uma limpeza étnica da região. Por fim, após as forças bolcheviques prevalecerem sobre os nacionalistas georgianos, nasceria a República Socialista Soviética da Geórgia (RSSG), sendo que em 1922 com a criação da URSS a Ossétia do Sul receberia o status de Região Autônoma dentro da RSSG, título que perduraria até o fim da Guerra Fria (DUGIN, 2016).

Durante toda a existência da URSS a Ossétia do Sul permaneceu como território pertencente à RSSG, mas politicamente sempre manteve laços estreitos com o centro de poder soviético, dada a relação histórica existente entre eles isso possibilitou a conservação das suas características culturais e linguísticas. Dessa forma, foi mantido dentro da RSSG um território cuja grande maioria da população não possuía identificação com o país ao qual fazia parte.

Outro fator étnico relevante na história da Georgia, que envolve todas as antigas repúblicas da URSS, é o sentimento de repúdio à minoria russa existente em sua população. A distribuição de russos pelas repúblicas soviéticas foi realizada por meio de migrações que faziam parte do projeto de construção do “homem soviético”, idealizado por Josef Stalin¹⁷. A miscigenação forçada visava o enfraquecimento dos sentimentos nacionalistas das repúblicas, tentando criar uma identidade única em todos os habitantes da URSS, tendo como fim maior a manutenção da ordem interna. Apesar dos esforços de Moscou, inúmeros fatores contribuíram para o fracasso do plano, como por exemplo, o maior grau de instrução dos russos, o que

Socialistas Soviéticas. (disponível em <https://www.infoescola.com/uniao-sovietica/bolcheviques/>, acessado em 02 de julho de 2020).

¹⁷ Revolucionário comunista e político soviético de origem georgiana. Governou a União Soviética de meados da década de 1920 até sua morte, servindo como Secretário Geral do Partido Comunista da URSS de 1922 a 1952, e como primeiro-ministro de seu país de 1941 a 1953. (disponível em <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/josef-stalin.htm>, acessado em 02 de julho de 2020)

geralmente proporcionava a eles melhores empregos e maior renda, dessa forma, observou-se que eles não se misturaram com as populações locais na maioria das repúblicas, como no caso da Geórgia. A herança dessa política foram 25 milhões de russos vivendo nas repúblicas socialistas soviéticas, sendo que na sua grande maioria eram classificados como representantes da metrópole opressora e centralizadora de poder, sofrendo hostilidades e discriminações das sociedades locais (KOTZ & WEIR 2007).

O fim da URSS trouxe à tona todo o sentimento de revolta do povo georgiano para com Moscou, impulsionado pela baixa qualidade de vida que desfrutavam em comparação à vida no ocidente. O resultado foi o fortalecimento do movimento nacionalista que agora poderia se manifestar sem a forte repressão de outrora.

3.2 Aspectos geopolíticos

3.2.1 Do fim da URSS ao Acordo de Sochi

No final da década dos anos 80 a URSS apresentava sinais de colapso e realizava seus últimos movimentos para tentar sua salvação, seu líder Mikhail Gorbachov buscava prestígio junto as populações das repúblicas e em uma decisão inédita resolveu realizar eleições para os governos locais. O resultado na Geórgia foi a chegada no poder do líder ultranacionalista Zviad Gamsakurdia, que lideraria seu país no processo de independência.

As principais resoluções tomadas por Gamsakurdia visando a reunificação do território georgiano foram: estabelecer o georgiano como idioma oficial em todo o país e revogar unilateralmente o status de soberania política das regiões autônomas, afetando diretamente a Ossétia do Sul; em paralelo iniciou ações militares para retomar o controle efetivo sobre essas regiões. Durante esse processo, a Ossétia do Sul declarou sua independência da Geórgia e a

Geórgia se tornou independente da URSS surgindo dentro dela um movimento golpista liderado por forças comunistas, apoiadas por Gorbachev. Esses opositores, tomam o poder em 1991 e Gamsakurdia foge do país, chega ao poder Eduard Shevardnadze, ex-ministro dos assuntos estrangeiros da URSS (DUGIN, 2012).

O fim da URSS traz novos componentes ao problema, agora com Boris Iéltsin na presidência, a Rússia adota uma postura liberal com um discurso de aproximação ao Ocidente, enquanto na Geórgia um ex-comunista combate as forças nacionalistas. A situação do conflito interno possuía componentes bem peculiares, os interesses conflitantes entre todas as partes não apontavam a possibilidade de uma solução. O governo georgiano além do combate aos nacionalistas reforçava os ataques às regiões autônomas, os nacionalistas continuavam na luta pelo poder e as forças separatistas da região da Ossétia do Sul compostas, em sua maioria, por militares russos lá estabelecidos, lutavam pela minoria osseta e buscavam manutenção da sua independência (DUGIN, 2012).

De fora do conflito armado, a Rússia não manifestava seu apoio a nenhuma das partes, mas isso mudou com o agravamento do conflito que ocasionou a migração de muitos refugiados para a Ossétia do Norte. Temendo o surgimento de instabilidade em seu território, a Rússia passa a pressionar a Geórgia por uma solução, são iniciadas as negociações entre a Geórgia e a Ossétia do Sul que resultam na assinatura do Acordo de Sochi em 24 de junho de 1992. O acordo estabelecia uma Força de Manutenção de Paz Conjunta composta por militares russos, georgianos e ossetas visando a estabilidade da região, e suas atividades seriam supervisionadas pela Comissão Conjunta de Controle, composta por representantes das três partes e da Organização para Segurança e Cooperação da Europa¹⁸ (OSCE). Cabe ressaltar que, em parte, a necessidade desse acordo surgiu por medo do envolvimento russo no conflito por parte da

¹⁸ Organização regional com 57 estados participantes na América do Norte, Europa e Ásia que trabalha pela estabilidade, paz e democracia na Europa em questões que englobem aspectos político-militares, econômicos, ambientais e humanos. (disponível em <https://www.osce.org/who-we-are>, acessado em 02 de julho de 2020)

Georgia e por ela não fazer parte, à época, da Comunidade de Estados Independentes¹⁹ (CEI), instituição política que possuía em sua estrutura forças unificadas para lidar com questões como essa. O tratado trouxe estabilidade à região, permanecendo a Ossétia do Sul com sua autonomia e possibilitando o desenvolvimento de instituições de governo próprias (DUGIN, 2012).

3.2.2 As mudanças da Revolução Rosa

Durante o período sem conflitos compreendido da assinatura do Acordo de Sochi até o ano de 2008, a Ossétia do Sul foi um governo independente, sendo tratada pelo governo georgiano como uma unidade administrativa chamada de Tskhinvali, entretanto no campo geopolítico era considerada como um posto avançado russo.

No ano de 2003 a adoção de um regime semelhante às democracias ocidentais se concretizaria na Geórgia com a Revolução das Rosas, culminando na destituição de Shevardnadze da Presidência e na ascensão ao poder do líder do movimento oposicionista, Mikhail Saakashvili, por meio de eleições diretas. O novo presidente externou abertamente, durante a realização de sua campanha eleitoral, o desejo de priorizar um estreitamento de laços com o Ocidente no campo das relações internacionais e assim sair do jugo da influência russa. No seu objetivo de ocidentalização do país estariam como prioridade o ingresso na OTAN e na União Europeia²⁰ (UE), indo na direção contrária aos interesses de Moscou na preservação da sua influência política sobre as repúblicas da antiga URSS. Pouco depois de ser eleito presidente, Saakashvili reafirmaria a orientação ocidental que daria a política externa em discurso feito na Universidade de John Hopkins, nos Estados Unidos da América, assim transcrito:

“A segunda lição da Revolução das Rosas é que os georgianos se tornaram membros integrais da Europa e da família europeia. Ao refletir sobre este ponto, eu não me refiro apenas ao aspecto geográfico, mas à identidade

¹⁹ Organização criada em 1991, composta por ex-repúblicas da antiga URSS, tendo como principal proposta a cooperação econômica entre os membros. (disponível em <https://www.infoescola.com/geografia/comunidade-dos-estados-independentes-cei/>, acessado em 02 de julho de 2020)

²⁰ Bloco econômico criado em 1992 para estabelecer uma cooperação econômica e política entre os países europeus. (disponível em <https://www.infoescola.com/geografia/uniao-europeia/> acessado em 03 de julho de 2020)

nacional. O que nós vimos em novembro foi uma população mobilizada em defesa dos princípios da democracia liberal. O que nós vimos foi uma população que se recusou a ter sua voz, sua escolha e seus futuros roubados por um governo corrupto e incompetente. (...) Esta é uma democracia cuja identidade nacional e cujo destino estão enraizados na Europa, como membros plenos e participativos das instituições Euro-Atlânticas, para a segurança regional e para o desenvolvimento econômico”.²¹

No âmbito interno o projeto de governo considerava como objetivo principal a unificação do país, fato exposto já no lema de campanha presidencial “Georgia Unida”, e a consecução do plano maior passava pela solução dos problemas relacionados às suas regiões autônomas. No caso da Ossétia do Sul, o território vivia há uma década de maneira independente, com sua liberdade sendo garantida pela presença de tropas de paz russas.

Na visão nacionalista de Saakashvili, a presença militar russa com bases e peacekeepers, situações provenientes da era da ex-URSS e do Acordo de Sochi para a estabilização da paz na região, teria se desvirtuado do pressuposto inicial. Para ele, os cidadãos ossetas eram rebeldes separatistas e as tropas russas fortaleciam o seu desenvolvimento, além do fato de considerar que a Rússia com a sua forte presença estaria se apossando de parte do território georgiano. Os pedidos para a retirada das forças russas do país acompanhavam o pleito da sua substituição por tropas ocidentais, que na sua visão eram consideradas “neutras”, essas seriam formadas pela OSCE ou UE sob supervisão da Organização das Nações Unidas (ONU). Outro fator importante usado como argumento pelo governo quanto ao desrespeito à sua soberania, seria o tratamento diplomático diferenciado dado por Moscou a maioria dos habitantes da Ossétia do Sul, permitindo um regime de trânsito livre com o território russo, diferentemente do tratamento dado aos cidadãos georgianos.

²¹ Disponível em <http://www.president.gov.ge/main2.php?l=E&m=0&sm=3&id=171>

4 A POLÍTICA EXTERNA RUSSA

4.1 O pensamento russo pós Guerra Fria – do Atlantismo ao Neo-Eurasianismo

Ao final da Guerra Fria a Rússia, centro do poder da antiga URSS, carregou o fardo do fracasso no embate com a civilização ocidental. A aposta em um movimento global puramente comunista, ignorou os incontáveis grupos nacionais e religiosos contrários à expansão do capitalismo liberal e contribuiu para o fim da sua rede de influência pelo mundo.

A eclosão de revoluções anti-soviéticas, em especial nos países bálticos, culminou com o fim do Pacto de Varsóvia²² e acarretou uma enorme perda de presença militar no Leste Europeu. Com a bandeira da “vitória da democracia” instauraram-se governos de orientação ocidental ao mesmo passo que tropas da OTAN ocupavam o vazio deixado pela ausência das tropas soviéticas, apressadamente removidas pelo governo de Gorbachev.

A perda do status de superpotência, aliada a crise social e econômica, provocou uma grande reflexão na classe política quanto a ideologia e a postura política defendidas até o momento. Esse processo de revisão de pensamento gerou uma disputa de poder interna que levou ao poder Boris Yeltsin no ano de 1991, representando uma guinada brusca na visão do governo quanto ao lugar do país no sistema internacional, passando a adotar uma postura pró ocidental como base para sua política externa. A busca pela recuperação do atraso econômico se daria através da aproximação política às sociedades democráticas e da participação nas instituições internacionais ocidentais, tendo como um outro objetivo a remodelação da identidade nacional com base nos valores liberais. (DANKS, 2009)

No primeiro período do mandato de Boris Yeltsin (1991-1993), sob a batuta do então Ministro das Relações Exteriores Andrei Kozyrev, foram realizados inúmeros esforços para a concretização da ocidentalização da sociedade russa. Os conceitos que balizaram a condução

²² Pacto de Varsóvia ou Tratado de Varsóvia foi uma aliança militar formada em 14 de maio de 1955 pelos países socialistas do Leste Europeu e pela União Soviética.

dos processos políticos dentro da Federação Russa nesse período foram batizados de “Doutrina Kozyrev”. Em pronunciamento publicado em um artigo na revista *Foreign Affairs*²³, o ministro afirmou que o futuro democrático russo estava ligado ao sucesso evolutivo da economia, sendo condição necessária para tal a adoção dos ideais liberais em todas as esferas do poder, conforme podemos observar nesse trecho de sua declaração:

“Essa perspectiva, que se concentra no século XXI, deve ser mantida em vista ao determinar, sem demora, questões concretas de traduzir em prática o contexto externo favorável contra o qual a Rússia está fazendo a transição para a democracia. Essa implementação prática é chamada a consolidar o caráter positivo e mutuamente atraente da atual abertura da Rússia para o resto do mundo.

Estamos adotando medidas concretas em direção a esse objetivo, explorando uma área que há décadas é uma “terra virgem diplomática” para nós. Estamos nos unido ao Fundo Monetário Internacional, ao Banco Mundial e ao Acordo Geral de Tarifas e Comércio; tornar-se mais ativo no Banco Europeu; estabelecendo ações, em vez de palavras, uma interação com o Grupo das Sete nações industrializadas, a Comunidade Europeia, a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico, bancos regionais e fóruns de cooperação econômica na Ásia e no Pacífico e em outras regiões. Temos muito a aprender. Mas tenha certeza, estamos aprendendo rápido. Por sua vez, isso ajudará a estabelecer a Rússia como um parceiro confiável na comunidade de estados civilizados. A história testemunhou muitas vezes como os problemas domésticos da Rússia fizeram desse estado um participante perigoso e imprevisível nos assuntos internacionais. No entanto, com a transição para a democracia na política e na economia, nossa vida interna e seus cintos de direção se tornam compreensíveis para o mundo circundante.”

Esse período do governo de Yeltsin causou uma enorme preocupação dentro da elite política conservadora, grande parte da oposição questionava a falta de ambição em restaurar a liderança regional russa, e no final do ano de 1992 a orientação ocidental começa a perder espaço para a visão eurasianista. No plano da política externa o retorno esperado pela implementação do projeto de transição para uma economia de mercado não foi o esperado, a associação a organismos como o Fundo Monetário Internacional e Banco Mundial não garantiram automaticamente a ajuda financeira necessária para a retomada do desenvolvimento, os recursos só vieram após negociações com o governo norte-americano, tendo como

²³ Disponível em <https://www.foreignaffairs.com/articles/russia-fsu/1992-03-01/russia-chance-survival#>, acessado em 11 de julho de 2020.

contrapartida acordos que definiam relativo controle sobre o arsenal nuclear russo (DONALDSON & NOGEE, 2009). Outro descontentamento interno referente a política externa era o isolacionismo praticado em relação aos países que outrora faziam parte da antiga URSS, considerava-se que a falta de diálogo com os novos Estados do exterior próximo impedia a construção de um mercado comum e de um ambiente favorável para o desenvolvimento interno. Esse fator aliado ao surgimento de problemas referentes às regiões separatistas obrigou uma mudança de postura do governo. Na visão da oposição, a busca pela integração da Rússia ao sistema capitalista internacional contribuiu de maneira negativa para o desequilíbrio de forças regional, pois criou um vazio de influência em áreas historicamente de domínio russo.

A resposta do governo foi o decreto presidencial de abril de 1993 que veio materializar a mudança sugerida pela pressão interna e significou a adoção de uma postura retórica à época do regime soviético. O país voltaria suas atenções às nações geograficamente mais próximas (membros da CEI), a fim de edificar condições para o seu desenvolvimento e de toda a região como um todo, reassumindo o papel de liderança regional com o intuito de manter-se como um ator importante no sistema internacional (DUGIN, 2016).

Todavia, apesar das diretrizes estabelecidas, as ações do governo no campo econômico não contribuíram efetivamente para a integração da região. As reformas econômicas internas foram realizadas por meio de medidas unilaterais, impossibilitando o surgimento de uma zona econômica comum. O país saiu da zona do rublo e realizou a liberalização dos preços o que acarretou um rápido crescimento da inflação acompanhado pelo forte declínio dos principais indicadores de atividade econômica nos anos de 1992 a 1995 (KOTZ & WEIR 2007).

No campo militar, o recrudescimento do sentimento nacionalista resultaria em controvérsias diplomáticas referentes a política ocidental de segurança global, tendo como principal problema a preferência russa por tropas da OSCE na manutenção da segurança do continente europeu com o objetivo claro de redução do papel da OTAN. O envolvimento da

organização ocidental na Guerra da Bósnia²⁴ (1992-1995) e Guerra do Kosovo²⁵ (1998-1999) tomando parte contra a Sérvia (histórica aliada russa) e as suas críticas ao governo russo quanto ao uso excessivo de força durante a 2ª Guerra da Chechênia²⁶ (1999), deram mais argumentos aos movimentos oposicionistas antiocidentais. (DONALDSON & NOGEE 2009).

Com todos esses resultados negativos, grande parcela do povo russo passou a questionar a postura do governo e a projetar nos Estados ocidentais seu sentimento de frustração com a crise econômica, mais uma vez parte da elite política reforçava a ideia da necessidade de alianças fora do ocidente e a pressão resultou na renúncia do ministro Kozyrev em janeiro de 1996.

Diante dos fracassos na busca pela aproximação ao mundo ocidental, o período de 1996 a 1999 foi marcado pela mudança da postura liberal para outra mais pragmática baseada em princípios eurasianistas e as relações exteriores passam a buscar a reaproximação com parceiros tradicionais. As prioridades da política externa são definidas pelo novo ministro, Yevgeny Primakov, logo em sua primeira entrevista: 1) criação de condições externas que possibilitem a consolidação da integridade territorial do país; 2) consolidação do processo de reintegração, em especial econômica, do espaço pós-soviético, sem que isso signifique a restauração da URSS; 3) resolução de conflitos regional e étnicos, primeiramente nos países da CEI e ex-Iugoslávia; e 4) prevenir a criação de zonas de tensão, principalmente através da proliferação de armas de destruição em massa.

A nova postura não buscava mais a inserção do país no sistema ocidental a todo custo e

²⁴ Conflito armado ocorrido entre 1992 e 1995 e parte do processo de desintegração da Iugoslávia. Esse conflito foi o maior que aconteceu na Europa após a Segunda Guerra Mundial e resultou em milhares de mortos. A Guerra da Bósnia também ficou marcada pelas políticas de genocídio promovidas pelos sérvios. Esse conflito foi um dos que abalaram os Balcãs durante a década de 1990 e resultou na morte de cerca de 100 mil pessoas. (disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/guerras/guerra-bosnia.htm>, acessado em 11 de julho de 2020).

²⁵ Outro conflito armado parte do processo de desintegração da Iugoslávia, onde a região de Kosovo, na qual 90% da população é albanesa, reivindica sua independência política. (disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/guerras/guerra-bosnia.htm>, acessado em 11 de julho de 2020).

²⁶ Conflito ocasionado por uma série de ataques de rebeldes chechenos na província do Daguestão, reivindicando a independência da região. (disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/guerras/ii-guerra-chechenia.htm>, acessado em 11 de julho de 2020).

sim a retomada do lugar histórico como um ator independente e de grande peso na balança de equilíbrio do poder internacional. Paralelamente, surge a defesa por uma nova ordem mundial multipolar visando contrapor o domínio norte americano no mundo unipolar vigente, entretanto isso não significaria um rompimento de relações, devendo ser considerados e tratados com prioridade todos os assuntos de interesse comum para o desenvolvimento da cooperação entre a Rússia e os EUA. Cabe lembrar que a definição de multipolaridade consiste na divisão do poder mundial em centros (blocos de países representados politicamente por uma nação-líder), sem a distinção de peso entre eles, de forma a exprimir condições de igualdade na tomada de decisões globais. Considera a falência do sistema Westphaliano²⁷ como uma situação de fato e usa como argumento para tal afirmação as ações unilaterais dos EUA e OTAN contra estados soberanos, como o ocorrido no caso da invasão ao Iraque em 2003 (DUGIN, 2016).

Durante esse período de tentativa de retomada do protagonismo no cenário mundial e de um entendimento, no mínimo parcial, com o ocidente, cabe ressaltar o episódio do Kosovo ocorrido em 1999. O uso pela OTAN do seu aparato militar para bombardear a Iugoslávia em ações contra a Sérvia, na visão russa, foi considerado como um desafio à autoridade do CS da ONU, pois a organização ocidental cometeria um ato de agressão contra um Estado soberano que não atacou nenhum membro do tratado. Esse fato gerou desconfiança da Rússia quanto as reais intenções do bloco, que foi confirmada nos anos seguintes com a onda de expansão do mesmo para regiões da antiga URSS, provocando uma grande reformulação da parceria do país com a organização.

Nesse cenário de mudanças assume o poder Vladimir Putin. O país passava por uma grande crise econômica e social ocasionada pelos problemas criados na tentativa de

²⁷ Sistema baseado em uma série de tratados que passaram a servir de referência para guiar as relações internacionais europeias, sobretudo, durante o período compreendido entre 1648 e 1789, consolidando o conceito de Estado Nacional. (disponível em <https://www.infoescola.com/historia/paz-de-vestfalia/>, acessado em 12 de julho de 2020).

democratização e de aproximação política ao mundo ocidental. A busca pela redefinição da identidade pós-soviética por meio da introdução dos valores ocidentais havia fracassado e o debate sobre o rumo a ser tomado estava em aberto.

A realização de uma reavaliação da situação global pelo governo, resultou em 28 de junho de 2000 na emissão do documento que expressava um novo perfil de condução da política externa, com o título de “Foreign Policy concept of the Russian Federation”²⁸. Dentre os princípios gerais e demais preceitos estabelecidos cabem ressaltar os seguintes pontos: 1) a defesa da ONU como principal órgão regulador das relações internacionais, ressaltando a necessidade de reforma da organização com a inclusão de novos membros permanentes em seu CS; 2) condena ações militares unilaterais que burlam as resoluções do CS, em clara menção a atuação da OTAN no incidente do Kosovo; 3) a prioridade para criação de um bom ambiente em seu exterior próximo, dando ênfase a importância da resolução de conflitos e ao desenvolvimento da cooperação econômica com os membros da CEI; 4) o compromisso em contribuir para o crescimento da importância da OSCE, ao mesmo tempo que reforça sua reprovação à expansão da OTAN; 5) a proteção dos direitos e interesses dos cidadãos russos que vivem no exterior; e 6) a busca pela promoção de uma boa imagem do país e dos valores culturais russos no exterior.

Em uma breve análise do documento é possível concluir que Putin tinha como um de seus objetivos de Governo recuperar o status de potência mundial. Durante o período de 2000 e o primeiro trimestre de 2004, a Rússia agiu para a restauração de sua influência em seu exterior próximo, usando como ferramenta principal a cooperação econômica. As ideias transmitidas traduziam a grande preocupação com a manutenção de sua soberania e integridade territorial, além da clara manifestação da preocupação do governo com seus cidadãos no exterior que deixava definida a intolerância com atos violentos contra os russos que viviam

²⁸ Disponível em <https://fas.org/nuke/guide/russia/doctrine/econcept.htm>, acessado em 10 de julho de 2020.

principalmente nas ex-republicas soviéticas, essas posturas eram consideradas condições básicas para impor respeito na comunidade internacional. No pensamento da elite governante a Rússia só determinaria seu próprio futuro com a preservação e promoção de sua cultura e seus cidadãos eram peça chave nesse processo, essa visão proveniente do pensamento neo-eurasiano interpreta a Rússia como uma entidade muito mais ampla do que um simples estado, aproximando-a de uma civilização. A adoção de uma postura pragmática nas relações internacionais que em parte questionava o domínio do ocidente foi assim descrita por Aleksandr Dugin:

“Putin e a sua política tornaram-se na expressão de tendências geopolíticas, sociológicas e paradigmáticas correspondentes no seu conjunto aos principais marcos da civilização da Terra e às constantes da história geopolítica russa. Se o sistema de ações de Gorbachev e de Iéltsin estava em flagrante conflito com as principais linhas de força da geopolítica russa, então a governação de Putin, pelo contrário, restaurou o caminho tradicional para a Rússia, regressada à sua costumeira órbita continental, telurocrática. Assim, o conjunto com Putin, o Heartland adquiriu uma nova oportunidade histórica, e o processo de estabelecer um mundo unipolar bateu num verdadeiro obstáculo. Tornou-se claro que apesar de todo o enfraquecimento e confusão, a Rússia-Eurásia não desapareceu finalmente do mapa geopolítico do mundo e representa como dantes, embora numa condição reduzida, o núcleo de uma civilização alternativa, a civilização da Terra. (DUGIN, 2016, [2134]).

Entretanto, a mudança de prioridades na política externa não representou um afastamento total do ocidente, a resposta positiva dada através do apoio disponibilizado aos EUA depois do atentado de 11 de setembro de 2001 foi um exemplo disso. O caráter pragmático passou a ditar as relações com o antigo rival, medindo as eventuais alianças de acordo com a consecução de objetivos russos, como no caso do suporte diplomático e político para a invasão ao Afeganistão, que culminou com a queda do regime Talibã e ao mesmo tempo ajudou a extinguir o apoio ocidental aos separatistas da Chechênia e do Norte do Cáucaso (DUGIN, 2012).

Todavia, apesar do apoio inicial ao combate ao terrorismo, em 2003, os EUA invadem o Iraque sem a aprovação da Rússia, desconsiderando mais uma decisão do CS da ONU. Esse

importante fato altera a visão do Kremlin quanto a formação de alianças e passa a considerar factível a possibilidade de invasão do seu território. Corroboravam para a formulação desse pensamento, dois fatos: o avanço da OTAN em direção da fronteira leste da Rússia durante os anos 2000 e a participação norte americana na Revolução das Rosas ocorrida na Geórgia, em que segundo alegações russas, a Agência Americana de Apoio ao Desenvolvimento Internacional (USAID)²⁹ financiou as eleições presidenciais e denunciou as fraudes nelas ocorridas, ocasionando os protestos populares que alçaram ao poder um candidato com orientação política pró-ocidental (TSYGANKOV, 2010).

A postura norte-americana viria a transformar o segundo mandato de Putin (2004-2008) em uma disputa de influência sobre o seu exterior próximo. Enquanto o governo russo colocava em prática os projetos para a integração da região, eclodiam as Revoluções Coloridas que por fim trouxeram ao poder representantes populares de orientação política ocidental na Geórgia, Ucrânia e Quirguistão. Diante da intenção da OTAN de integrar esses países fronteiriços e da frustração pela crescente ocidentalização do espaço da CEI, a Rússia se viu obrigada a mais uma vez reformular sua visão geopolítica e reescrever de maneira consistente e clara a sua ambição quanto ao papel que desempenharia no sistema internacional. A proclamação dessa ambição quanto à nova função que desempenharia no sistema internacional foi realizada próximo ao término do segundo mandato de Putin em 2007, e ficou conhecida como o “Discurso de Munique”³⁰.

Os principais pontos do discurso podem ser resumidos da seguinte forma: 1) a rejeição

²⁹ É um organismo independente, embora siga as diretrizes estratégicas do Departamento de Estado americano, atuando diretamente ou através de agências subsidiárias como um reforço à política externa dos EUA. Define-se como “uma agência internacional de desenvolvimento do mundo e um ator catalítico que impulsiona os resultados do desenvolvimento. O trabalho da USAID promove a segurança nacional dos EUA e a prosperidade econômicas, demonstrando a generosidade americana e promovendo um caminho para a autossuficiência e a resiliência do destinatário” (disponível em <https://www.usaid.gov/>, acessado em 08 de julho de 2020).

³⁰ Nome dado ao discurso proferido pelo líder russo Vladimir Putin na Conferência Internacional de Segurança de Munique, realizada na Alemanha em 10 de Fevereiro de 2007. (disponível em https://en.wikisource.org/wiki/Speech_and_the_Following_Discussion_at_the_Munich_Conference_on_Security_Policy, acessado em 01 de julho de 2020).

a ordem mundial unipolar; 2) a rejeição da imposição do sistema americano ao mundo inteiro (esses dois primeiros pontos definiam o antiamericanismo); 3) o reforço da importância da ONU como único mecanismo mundial para tomada de decisões sobre o uso da força; 4) a reprovação referente ao avanço da OTAN até as suas fronteiras; 5) a insatisfação quanto a quebra dos acordos firmados por ocasião da dissolução do Pacto de Varsóvia; 6) a crítica às instituições financeiras globais (FMI e Banco Mundial) quanto a exploração que exercem sobre os países em desenvolvimento, com o intuito de alertar a essas nações a possibilidade de outras alianças; 7) a indicação de que a OSCE perdeu sua força e que no momento servia apenas de instrumento político dos EUA; e 8) a declaração que a partir daquele momento a Rússia conduziria sua política externa de forma independente.

Apesar de alguns pontos em comum com as diretrizes emanadas no documento emitido no início do seu primeiro mandato, Putin em Munique demonstra toda a sua insatisfação com os rumos tomados pela política externa norte-americana, indicando um afastamento no campo diplomático. O impacto internacional do discurso foi assim descrito por Aleksander Dugin:

“A reação ao discurso de Munique de Putin no Ocidente e nos EUA foi extremamente negativa; a maioria dos atlantistas e peritos começaram a falar em uma renovação da “Guerra Fria”. Putin demonstrou de facto que compreende que a grande guerra dos continentes não cessou e que hoje estamos apenas na sua fase seguinte. Depois disto, muitos estrategas ocidentais começaram finalmente a ver em Putin a personificação de um adversário geopolítico, a imagem tradicional do inimigo russo [russkii]”, que se tinha formado durante a história da confrontação geopolítica entre o Mar e a Terra.” (DUGIN, 2016, [2446]).

Ao verificarmos todos os principais acontecimentos políticos relacionados a postura russa no sistema internacional desde o fim da Guerra Fria, percebemos uma evolução de um posicionamento inicialmente liberal, influenciado pelo fracasso do regime socialista, para outro mais conservador ao final do segundo mandato de Putin. A tomada de uma posição independente, externada pelo Discurso de Munique, provavelmente foi considerada pelo governo russo como o único caminho viável para a realização dos seus objetivos regionais e

globais, visto que as tentativas de associação com o Ocidente para condução de uma política internacional uníssona foram frustradas por ações unilaterais do seu líder, os EUA, através do uso da OTAN. O pragmatismo foi abandonado em prol de uma postura mais assertiva em busca dos seus interesses.

4.2 As motivações do ingresso no conflito

Por ocasião da agressão militar georgiana, em agosto de 2008 à região da Ossétia do Sul, o governo russo acabara de trocar de mãos, no lugar de Vladimir Putin assumia a presidência Dmitry Medvedev. Entretanto, o desenrolar da crise diplomática no governo anterior fez com que o Kremlin viesse preparando suas tropas há meses para um possível conflito, decisão essa tomada principalmente pelo crescimento do sentimento nacionalista georgiano e a aproximação política dos seus governantes ao mundo ocidental.

A reação russa foi quase que imediata e no dia oito de agosto de 2008, o presidente fez seu primeiro discurso referente ao conflito³¹ para a população russa, ressaltando as necessidades de revide à agressão sofrida pelas forças de paz russas e de proteção dos cidadãos russos que vivem na região.

“Na noite passada, as tropas da Geórgia cometeram o que significa um ato de agressão contra as forças de paz russas e a população civil na Ossétia do Sul. O que ocorreu foi uma grave violação do direito internacional e dos mandatos que a comunidade internacional deu à Rússia como parceira no processo de paz. Os atos da Geórgia causaram perda de vidas, inclusive entre as forças de paz russas. [...] Civis, mulheres, crianças e idosos estão morrendo hoje na Ossétia do Sul, e a maioria deles é cidadã da Federação Russa. De acordo com a Constituição e as leis federais, como Presidente da Federação Russa, é meu dever proteger a vida e a dignidade dos cidadãos russos, onde quer que estejam. São essas circunstâncias que ditam os passos que daremos agora. Não permitiremos que as mortes de nossos concidadãos fiquem impunes. Os autores receberão o castigo que merecem.”

Com a justificativa de defender a vida de uma minoria, as autoridades russas passaram

³¹ Disponível em <http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/statements/1042>, acessado em 01 de julho de 2020.

a classificar as ações georgianas como “massacres premeditados”, essa manobra diplomática teve por objetivo invocar os argumentos da necessidade de ajuda humanitária e de defesa dos direitos humanos, além da obrigatoriedade da Rússia como país democrático, de preservar os regimes democráticos da região.

Os motivos para ingresso no conflito possuíam outro forte argumento, esse relacionado à segurança nacional e ligado ao desejo da Geórgia de ingressar na OTAN. A orientação do governo de Saakashvili moveu seus interesses para integração do país às grandes instituições ocidentais, pode-se dizer que no campo econômico a busca pelo ingresso à União Europeia não teve grandes avanços, entretanto no campo militar o governo não mediu esforços desde os seus primeiros momentos para garantir à Geórgia a condição de membro permanente da OTAN com o desenvolvimento de ações efetivas.

No ano de 2004, após iniciado o diálogo entre Geórgia e OTAN, foi desenvolvido o Individual Partnership Action Plan (IPAP)³² do país, que determinava as reformas e planos de reestruturação necessários as forças armadas do possível futuro membro da organização. De caráter obrigatório para admissão, sua implementação foi seguida pelo governo e considerada como um importante passo à incorporação definitiva à aliança. Com o prosseguimento do IPAP e o aumento crescente das tensões diplomáticas com a Rússia, o governo georgiano passou a externar sua pressa de ingressar definitivamente na OTAN. O objetivo era usufruir dos dizeres da Carta constitutiva da organização que estabelece a condição de que um ataque a um de seus membros é um ataque a todos eles, colocando-se assim sob a proteção das potências ocidentais de modo a inibir possíveis ações russas em prol das regiões separatistas.

Às vésperas do conflito armado, em abril de 2008, ocorreu um encontro da OTAN em

³² Os planos de ação para parcerias futuras (IPAPs) estão abertos a países com vontade política e capacidade de aprofundar seu relacionamento com a OTAN. Eles foram projetados para reunir os vários mecanismos de cooperação através dos quais um país parceiro interage com a Aliança, aprimorando o foco das atividades para apoiar melhor seus esforços de reforma doméstica. (disponível em https://nato.int/cps/en/natohq/topics_49290.htm, acessado em 05 de julho de 2020).

Bucareste e nele a Geórgia aguardava ansiosamente o comunicado de sua aceitação para o Membership Action Plan (MAP)³³, o que resultaria no início do processo de acesso definitivo à organização. Entretanto, os anseios georgianos foram negados, prevalecendo a precaução da organização ocidental quanto a admissão de um membro envolvido em diversas divergências diplomáticas com a segunda maior potência militar do mundo. Ainda assim, o documento final da reunião deixava em aberto a possibilidade da concretização do pleito georgiano condicionando sua admissão à resolução dos seus problemas internos, tendo possivelmente influenciado na decisão do presidente Saakashvili em recorrer a uma solução militar da questão.

Em uma análise sucinta, é possível concluir que a Rússia se utilizou de argumentos de orientação ocidentalista para o uso da força, com o intuito de manter uma parte importante do seu exterior próximo sob sua influência e conseqüentemente conter o avanço da OTAN.

³³ O processo do MAP fornece um mecanismo de feedback focado e sincero sobre o progresso dos países candidatos em seus programas. Isso inclui consultoria política e técnica, bem como reuniões anuais entre todos os membros da OTAN e aspirantes individuais no nível do Conselho do Atlântico Norte para avaliar o progresso, com base em um relatório anual de progresso. Um elemento-chave é a abordagem de planejamento de defesa para aspirantes, que inclui a elaboração e a revisão das metas de planejamento acordadas. (disponível em https://www.nato.int/cps/en/natolive/topics_37356.htm, acessado em 05 de julho de 2020).

5 O CONFLITO

5.1 A Guerra dos cinco dias

O sucesso da Revolução das Rosas trouxe a Geórgia uma nova onda de nacionalismo, conforme já citado, o principal objetivo do governo de Saakashvili era o estabelecimento da integração territorial das regiões autônomas, essa política do governo de Tbilisi causava um temor nas populações desses territórios quanto ao uso da força, fato já ocorrido na década de 90. A complexa questão étnica que envolvia uma grande parcela de russos residentes na Ossétia do Sul e o desejo de anexação de sua população à Federação Russa exigiam uma ação firme do governo georgiano em prol da integração. Às vésperas do conflito, a Geórgia acumulava uma série de problemas diplomáticos com a Rússia em virtude da sua aproximação ao Ocidente e o caminho para a guerra parecia inevitável, entre os principais acontecimentos que moldaram o contexto do início da guerra podemos citar, por exemplo, a participação de forças militares georgianas na invasão do Iraque ao lado dos EUA em 2003, ação essa contrária a posição defendida pela Rússia no CS da ONU e a reafirmação do desejo de ingressar na OTAN pelo presidente Saakashvili, dois dias após o Discurso de Munique.

A operação georgiana para tomar a Ossétia do Sul foi iniciada na noite de quinta-feira, 7 de agosto de 2008, quando o seu contingente militar cruzou a fronteira e dirigiu-se para a capital osseta, Tskhinvali. Em relatório³⁴ publicado em setembro de 2009, o Conselho da União Europeia, concluiu que os ataques a alvos na cidade representaram uma declaração de guerra³⁵, pois a luz dos conceitos internacionais tratava-se de uma agressão a forças armadas regulares

³⁴ Relatório elaborado pelo grupo “Independent International Fact-Finding Mission on the Conflict in Georgia”, sob requisição da EU, descreve nos seus três volumes as causas e consequências da guerra russo-georgiana. (disponível em: https://www.mpil.de/en/pub/publications/archive/independent_international_fact.cfm., acessado em 10 de julho de 2020).

³⁵ A Resolução 3314/74 da Assembleia Geral da ONU apresenta uma definição para o termo “agressão” e exemplifica detalhadamente possíveis atos. (disponível em: <https://documents-dds-ny.un.org/doc/RESOLUTION/GEN/NR0/739/16/IMG/NR073916.pdf?OpenElement>, acessado em 10 de julho de 2020).

de um país estrangeiro legalmente ali estabelecidas, fato agravado pelas conseqüentes mortes de civis e peacekeepers russos.

Apesar dos esforços, as forças georgianas não conseguiram tomar a cidade e na manhã do dia 08 de agosto as forças russas entraram na Ossétia do Sul forçando o recuo do inimigo. Nas 48 horas seguintes o contra-ataque realizado derrotou as forças georgianas e permitiu a consolidação da posição na Ossétia do Sul no dia 10 de agosto (DUGIN, 2016).

O temor pela entrada da OTAN no conflito obrigou os russos a ampliarem sua ofensiva em território georgiano. Na segunda-feira, 11 de agosto, foram abertas duas frentes de ataques. Uma ao sul, saindo da Ossétia do Sul em direção a cidade de Gori, na Geórgia propriamente dita, e outra na Abkhásia, como mencionado, outro território separatista. A movimentação visava frustrar qualquer tipo de tentativa georgiana em estabelecer uma linha de comunicação entre a capital Tbilisi, e seus portos no Mar Negro. Foram bombardeados os aeroportos militares em Marneuli e Vaziani e neutralizados os radares do Aeroporto Internacional de Tbilisi. Essas ações levaram as forças russas a cerca de 80 quilômetros da capital criando a hipótese de um outro ataque com grande probabilidade de vitória, entretanto as tropas russas recuaram para o interior das fronteiras ossetas após alcançar o objetivo de cessar a ameaça de apoio externo. (FRIEDMAN,2008).

5.2 As conseqüências geopolíticas da guerra

No campo militar a vitória da Rússia foi inquestionável, a rápida resposta e ocupação de grande parte do território georgiano evidenciaram a diferença de força entre os países corroborando com a tese de que uma vitória de Tbilisi só seria possível com apoio externo. Contudo, o sucesso no campo diplomático não atingiu o mesmo nível, a declaração do reconhecimento oficial da independência da Ossétia do Sul e Abcásia em 26 de agosto de 2008, só foi ratificada pela Nicarágua e a Rússia se viu isolada diplomaticamente. Entretanto, a

escolha pela invasão da Ossétia do Sul pelos beligerantes e os ganhos e perdas dela provenientes para ambos os lados devem ser considerados por vários outros contextos.

Considerando o posicionamento político russo à época do conflito a mensagem passada com o uso da força era a confirmação do que se havia declarado no Discurso de Munique, a Rússia não mediria esforços para impedir o avanço da OTAN rumo as suas fronteiras. Apesar da falta de reconhecimento de legitimidade da comunidade internacional as ações durante e pós conflito mostraram uma disposição para tomada de ações unilaterais em defesa dos seus interesses. No pensamento neo-eurasianista a vitória militar produziu fatores geopolíticos positivos, assim descritos por Aleksander Dugin:

“Os eventos de Agosto de 2008 foram um momento tenso na grande guerra dos continentes, quando as forças da civilização do Mar (apoiando Saakashvili) e da civilização da Terra (Rússia e as repúblicas da Ossétia do Sul e da Abcázia orientadas para ela) colidiram num duro confronto; e desta vez a civilização da Terra inequivocamente alcançou uma vitória. A vitória teve uma dimensão militar: o facto de trazer a derrota às tropas georgianas equipadas com equipamento contemporâneo da OTAN e tendo instrutores americanos. Além disso, esta foi uma vitória política e diplomática: a Rússia foi bem sucedida em evitar uma confrontação directa com o Ocidente e em prevenir uma severa coligação anti-russa [rossiiskii]. E finalmente, a vitória foi informacional, já que os media russos [rossiiskii] (em contraste radical com a Primeira Campanha Chechena) transmitiram sincronicamente uma posição estatal-patriótica, pró-osseta, que foi na generalidade partilhada pela maioria da população.” (DUGIN, 2016, [2566])

No caso da Georgia, a decepção causada pela expectativa não atendida de apoio militar da OTAN no conflito pode ser explicada pela análise errônea de Saakashvili quanto as intenções imediatas da aliança ocidental e do governo dos EUA para com o seu país.

Possuindo o nacionalismo excessivo como causa central, a decisão pelo conflito armado não considerou a situação contraditória de uma suposta prestação de apoio bélico externo vindo do ocidente. Isso porque reconhecer o nacionalismo georgiano como responsável pelo conflito implicaria reconhecer que o Ocidente também é responsável pela tragédia vivida no Cáucaso, tendo em vista que o ressurgimento desse sentimento é fruto de ações diretas ocidentais postas em prática durante a Revolução Rosa. Inevitavelmente, uma vez consumado, esse fato causaria

dificuldades para os líderes ocidentais justificarem os gastos militares envolvidos no processo de expansão da OTAN, já que desconstruiria a imagem da Rússia como a principal responsável pela instabilidade política da região (FABIANO MIELNICZUK, 2013).

De uma maneira geral, podemos considerar que o conflito trouxe à OTAN uma postura mais cautelosa quanto a sua ampliação na região do exterior próximo russo, pois Moscou havia mostrado através da guerra que a busca pela reconstrução de sua histórica zona de influência não era mera retórica.

6 CONCLUSÃO

A escolha pelo conflito com a Geórgia em 2008 como caso específico a ser estudado para análise da geopolítica russa no governo de Vladimir Putin ocorreu por se tratar de um evento chave na definição do equilíbrio de poder atual da importante região do Cáucaso.

A descrição do histórico da relação entre Tbilisi e Moscou, desde a revolução russa de 1917, acerca da definição da independência do território da Ossétia do Sul, teve como objetivo mostrar o quão complexo é o problema. Em meio as inúmeras divergências políticas, observamos as alegações de ambos os beligerantes na justificativa do conflito, buscando entender os reais motivos para as ações.

No primeiro capítulo definimos os limites da pesquisa, descrevendo os assuntos a serem conhecidos para o entendimento do pensamento político das duas nações em questão. Citamos os acontecimentos históricos que influenciaram na construção do cenário geopolítico existente às vésperas do conflito e descartamos os fatos considerados de menor importância.

No segundo capítulo apresentamos as teorias geopolíticas clássicas do Espaço Vital e Heartland, além do neo-eurasianismo (teoria base das diretrizes do governo de Putin). Com isso conseguimos criar um alicerce de conhecimento para a realização da comparação dos resultados obtidos com a pesquisa, a fim de definir o grau de influência das teorias clássicas nas ações da política externa.

No terceiro e quartos capítulos, descrevemos os processos históricos de formação da identidade dos estados da Rússia, Georgia e da Ossétia do Sul. Discorremos sobre os principais acontecimentos políticos da região desde o fim da URSS, enfatizando os importantes problemas relacionados à questão étnica e a incompatibilidade dos interesses russos com os interesses ocidentais na região do Cáucaso, e entendemos de um modo mais amplo o contexto geopolítico do conflito ocorrido.

No quinto capítulo, descrevemos as ações bélicas de ambos os lados e, por fim,

resumimos as consequências geopolíticas da guerra para a região e para o relacionamento dos países beligerantes com as instituições e potências ocidentais.

Iniciamos o estudo comparativo dos conceitos das teorias clássicas com as ações tomadas pelo governo russo e chegamos a algumas conclusões que consideramos relevantes para a formulação e compreensão das respostas às questões elaboradas com o intuito de atingir o objetivo do trabalho.

A Rússia, atualmente o maior país do mundo em extensão territorial, possui uma enorme quantidade de recursos naturais e um considerável arsenal nuclear que a mantiveram sempre no grupo dos principais atores da geopolítica mundial, mesmo durante a crise enfrentada com o fim da URSS na década de 1990.

A desintegração do antigo bloco comunista, trouxe à Rússia uma situação de instabilidade em suas fronteiras que ela não experimentava há muitas décadas. A independência das ex-repúblicas soviéticas ocasionou uma corrida pela integração desses países por parte da OTAN à sua zona de influência, além de influenciar no renascimento do sentimento nacionalista em algumas dessas nações e territórios internos russos, ocasionando revoluções e sérios conflitos armados. A sensação de insegurança limitava a vantagem geográfica de possuir uma grande superfície terrestre.

A região da Ossétia do Sul, apesar de pertencer ao território da Geórgia, possui fortes laços históricos com Moscou, sua autonomia administrativa e sua população distinta, pelo grande número de russos, lhe garantem uma identidade própria totalmente divergente dos demais georgianos.

As tentativas frustradas de aproximação ao mundo ocidental durante os mandatos de Boris Yeltsin e parte do mandato de Vladimir Putin, exigiram da política externa russa uma postura mais enérgica em relação a defesa de seus interesses no seu exterior próximo. Nesse sentido foram integrados os conceitos da teoria neo-eurasiana na sua política externa, e as

instituições e potências ocidentais foram recolocadas na posição de rivais no cenário internacional.

A decepção com o ocidente, a retomada do crescimento econômico na década de 2000 e a defesa da mudança do sistema geopolítico unipolar para um multipolar por meio da busca pela construção de um centro de poder sob liderança russa no supercontinente eurásico, impulsionaram as relações exteriores com os seus vizinhos para uma combinação de conceitos abrangendo a necessidade de recuperação do seu Espaço Vital e da integração da região do Heartland.

A primeira das duas questões elaboradas com o intuito de atingir o objetivo do trabalho foi: Existe correlação entre o conceito de Espaço Vital e os princípios da política externa de Vladimir Putin? Após uma análise comparativa concluímos que sim, podemos dizer que as ações beligerantes realizadas pela Rússia em defesa da manutenção da autonomia da Ossétia do Sul e o posterior reconhecimento de sua independência configuram a aplicação dos postulados de Ratzel no sentido de garantir a expansão da sua influência para dentro do território de outro estado independente. Para chegarmos a tal resposta observamos a correlação das ações russas com o que preconizam as sete leis da expansão territorial do estado e listamos as seguintes correspondências: 1- a adoção dos conceitos do neo-eurasianismo trouxeram de volta o culto as tradições russas e a determinação pela liderança política da região eurásica, reforçando o aspecto cultural e conseqüentemente incentivando a expansão da influência do estado; 2- sendo o estado da Geórgia uma unidade política de menor importância no sistema internacional e que apresentava tendência de associação política ao Ocidente, seria natural a expansão russa em direção ao seu território não só pela busca da manutenção do seu desenvolvimento mas como também por questão de segurança; 3- o conflito foi deflagrado em um território fronteiro aos dois estados, sendo a fronteira o órgão que expressa a força e a mudança do limite territorial; e 4- foi a Geórgia que iniciou o conflito (impulso exterior) que acabou atraindo a Rússia para a

conquista da expansão de sua área de influência.

Entretanto, cabe ressaltar que os meios atuais pelos quais os Estados procuram se expandir extrapolam a concepção original do conceito de Espaço Vital. No conflito que estudamos, a variável étnica foi a principal causa da deflagração do contra ataque russo, sendo usada como argumento legitimador do uso da força em substituição a justificativa original de expansão dos estados mais desenvolvidos por direito. Complementarmente, observamos uma outra diferença quanto aos postulados originais, a expansão russa não se concretizou pela conquista material do território e sim pela inclusão da Geórgia em sua esfera de influência política, contendo o avanço Ocidental da OTAN.

A segunda questão elaborada foi: As ações tomadas durante o conflito armado teriam como objetivo maior a consecução de um domínio territorial, sendo parte de um plano de poder baseado na teoria do Heartland? Sim, concluímos que a participação russa no conflito foi influenciada pela teoria continentalista sendo parte de um plano maior de integração da região do Heartland, todavia não visava a conquista territorial. Baseamos nossa afirmativa em cima das seguintes correlações: 1- a intenção de domínio territorial da Georgia pela Rússia foi descartada quando apuramos que durante o conflito armado, estando as forças russas a poucos quilômetros da capital georgiana com grande possibilidade de conquista da cidade, elas recuaram para o interior das fronteiras ossetas deixando claro que o objetivo principal de manutenção da autonomia do território estava cumprido; 2- apesar da negativa em exercer um domínio territorial, a vitória no conflito interrompeu o processo de ocidentalização da Georgia e a trouxe de volta para a esfera de influência Russa cumprindo parte do plano de integração política de todo o Heartland; 3- a integração da Georgia à sua esfera de influência permite a Rússia, representante do poder terrestre, o aumento do seu alcance político na zona litorânea do Mar Negro, permitindo uma possível projeção e desenvolvimento do seu poder marítimo.

Resumindo, concluímos que a política externa russa do governo Putin possui fortes

traços de influência das teorias geopolíticas clássicas abordadas, resguardadas as adaptações necessárias dos postulados originais às regras do sistema internacional atual, como, por exemplo, citamos, referente a Teoria do Espaço Vital, a substituição da conquista territorial pelo exercício da influência política. Apesar das aparentes evoluções, observamos que a disputa de influência no exterior próximo russo entre a Rússia e os EUA, representado pela OTAN, tem como objetivo impedir a integração russa do Heartland assemelhando-se muito aos conflitos ideológicos ocorridos durante o período da Guerra Fria, sendo o conflito estudado nesse trabalho ocasionado em parte por uma disputa de influência.

Seria interessante que futuros trabalhos estudassem as mudanças ocorridas no cenário internacional desde a formulação das teorias clássicas, realçando as transformações provenientes do surgimento de diversos novos atores, bem como novos temas e abordagens teóricas, de modo a reformular a visão clássica e adequá-la aos novos desafios cada vez mais complexos do mundo moderno composto por coligações improváveis e incongruências que exigem leituras atualizadas e novos conhecimentos para enfrentar a realidade.

REFERÊNCIAS

- CORREIA, Pedro de Pezarat. **Manual de Geopolítica e Geoestratégia Volume I - Conceitos, Teorias, Doutrinas**. Almedina. Edição do Kindle, 2010.
- DANKS, Catherina J. **Politics Russia**. Pearson Education, 2009.
- DE QUADROS, Jose Alexandre. **Determinismo e Possibilismo: Uma Análise Epistemológica Crítica, Livro 1)**. Edição do Kindle, 2016.
- DONALDSON, Robert. NOGEE, Joseph. **The Foreign Policy of Russia: Changing Systems, Enduring Interests**. M.E. Sharpe, 2009.
- DUGIN, Aleksandr. **Teoria do Mundo Multipolar**. IAEGCA. Edição do Kindle, 2012.
- DUGIN, Aleksandr. **Geopolítica da Rússia Contemporânea**. IAEGCA, Edição do Kindle, 2016.
- FRANÇA, Lessa Júnia; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. **Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científicas**. 8. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. 255 p.
- FRIEDMAN, George. **The Russo-Georgian War and the Balance of Power**. August, 2008. Disponível em: http://www.stratfor.com/weekly/russo_georgian_war_and_balance_power. Acessado em 07 de julho de 2020.
- KOTZ, David M. WEIR, Fred. **Russia's Path From Gorbachev to Putin: The Demise of the Soviet System and the New Russia**. Routledge, 2007.
- KOZYREV, Andrei. Russia: A Chance for Survival. **Foreign Affairs**, Vol. 71, Issue 2. (Spring 1992). Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/russia-fsu/1992-03-01/russia-chance-survival>. Acessado em 11 de julho de 2020.
- MACKINDER, Halford John. **The Geographical Pivot of History**. Edição do Kindle, 1904.
- MATTOS, Carlos de Meira. **Geopolítica e Modernidade - Geopolítica Brasileira**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2002.
- MIELNICZUK, Fabiano. **O Conflito entre Rússia e Geórgia: uma revisão histórica**. Estudos Internacionais: v. 1 n. 2, 2013.
- TSYGANKOV, Andrei P. **Russia's Foreign Policy: Change and Continuity in National Identity**. United Kingdom: Rowman & Littlefield Publishers, 2010.

ANEXO

Figura 1



Região do Cáucaso - Disponível em: <https://www.estudopratico.com.br/caucaso-localizacao-populacao-e-conflitos/>, acessado em 04 de agosto de 2020.

Figura 2



Pivot Area – Heartland - MACKINDER, Halford John. **The Geographical Pivot of History**. Edição do Kindle, 1904.

Figura 3



Regiões autônomas – Disponível em: <http://www.megatimes.com.br/2011/11/georgia-aspectos-geograficos-e-sociais.html>, acessado em 05 de agosto de 2020.